

“ONTEM ELA AINDA ESTAVA LÁ, COM AQUELE JEITO DE MÃE”: ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE O CONCEITO DE FAMÍLIA A PARTIR DE UMA CERIMÔNIA FÚNEBRE

VERIDIANA MACHADO ROSA OLIVEIRA¹; LOUISE PRADO ALFONSO²

¹Universidade Federal de Pelotas – veridianamachadorosaoliveira@gmail.com 1

²Universidade Federal de Pelotas – louiseturismo@yahoo.com.br 2

1. INTRODUÇÃO

No primeiro ano do mestrado (2022) cursei a disciplina de Família e Parentesco. A ideia era que ela contribuísse para pensar e analisar diversas concepções de família, algumas por consanguinidade, outras por afetividade e religião em comum, sendo esta última algo que eu já havia percebido quando em contato com interlocutoras durante o trabalho de campo realizado para meu trabalho final da graduação com o tema: negritude e pentecostalismo na periferia de Pelotas. Com esta experiência prévia, quando vi a oferta da mencionada disciplina, me matriculei, pois considerei ser de suma importância o debate proposto para minha pesquisa, já que minha dissertação segue o mesmo tema de meu TCC.

Para refletir sobre descendência, aliança, afeto e religião, conceitos trabalhados ao longo da disciplina, apresento neste texto uma cerimônia fúnebre de uma pastora pentecostal, na qual que estive presente, em um primeiro momento para levar minha mãe que tem em comum com a falecida uma sobrinha. Já cursando a disciplina e influenciada pelos debates, durante o velório, despertei-me como estudante de antropologia buscando entender como aqueles momentos deixavam explícitas as relações entre a ente querida e demais pessoas presentes. Sendo assim, tentarei deixar nas próximas linhas descrito e escrito o campo e, através da minha compreensão, diálogo com alguns autores e autoras que foram lidos/as ao longo do semestre.

2. METODOLOGIA

Cheguei ao velório três horas depois do seu início, antes de entrar já tive a noção da sala estar lotada, a frente do lugar estava cheia de pessoas em grupos. Tive dificuldade em conseguir entrar devido à aglomeração formada fora e dentro. O dia era dez de abril de dois mil e vinte e dois. Não fui a campo intencionalmente, mas ao longo do velório me percebi aplicando a observação participante (FOOTE-WHYTE, 1980), que consiste em estar em campo e em contato com o grupo pesquisado, a partir do qual se constrói um relacionamento entre a pessoa pesquisadora e a pesquisada, coleta-se dados empíricos, se constrói conhecimento, o que auxilia na construção do estudo.

Foi somente no início da cerimônia fúnebre que percebi e aceitei que estava em campo, atentei-me em olhar, ouvir para que depois ao escrever (OLIVEIRA, 1996) eu tivesse detalhes que ajudariam no desenvolvimento da escrita etnográfica. E assim fiz ao chegar em casa. Considerando a intimidade e a particularidade do momento, na realização deste trabalho, resguardo o nome da igreja, da pastora e das demais pessoas presentes.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Dentro da denominação à qual pertence, é uma das maiores igrejas do Brasil, a pastora falecida e o marido formavam um dos poucos casais de negros pastores

titulares, segundo os dados das igrejas localizadas na cidade de Pelotas. Filha de pais negros, contando por cima durante a cerimônia, possuía seis irmãos, uma das características familiares observada foi o tom de voz, todos tinham um timbre suave e manso, a pele retinta e o cabelo branco estavam presentes em cinco dos irmãos. A mais nova tem cinquenta anos e foi uma de minhas interlocutoras no trabalho de conclusão de curso.

Neste dia triste, os irmãos e sobrinhos formavam a primeira fila próxima ao caixão, o marido permaneceu o tempo inteiro próximo à cabeça da pastora e em todos os momentos que consegui visualizar ele acariciava os cabelos da esposa. Volto a destacar que a sala do Cemitério São Francisco de Paula estava lotada. Embora todas as pessoas presentes estivessem emocionadas, o choro era contido, as expressões de tristeza, olhos marejados, foram percebidos em algumas, pois outras mantinham a cabeça baixa, juntamente com um balançar da cabeça negativamente ao olhar para o corpo, parecendo não acreditarem. Em sua maioria, as pessoas usavam roupas pretas ou cinzas. Dentro da sala muito pouco se conversava, quando percebido era rápido e baixo, já as pessoas que se encontravam fora, se aglomeravam em grupos e conversavam de forma audível.

Depois de mais de seis horas de velório, começaram as músicas. Desloquei-me e cheguei mais perto do caixão, para que pudesse presenciar de onde vinha o som do violão. Vi que era tocado por um sobrinho da pastora. Foram cantadas algumas músicas, eu ouvia as vozes embargadas e eram muitas, as da sala lotada e as das pessoas que ocupavam a parte de fora do lugar. Um grande coro se formou, se cantava com o peito aberto, alto, com os olhos fechados e lágrimas rolando. A melodia era calma, as letras falavam de um reencontro, da morte somente física e de um amor sobrenatural que consola. Foram cantadas entre três e quatro músicas e o que se sentia era que se buscava, através delas, o consolo.

A parte seguinte da cerimônia foi dirigida pelo pastor regional, ele recebeu a palavra somente com um olhar do homem que tocava o violão. Suas primeiras palavras foram os dois sobrenomes da família, ele então informa que: “ao todo são vinte e cinco pessoas desta família que fazem parte da igreja”. Sua voz tremula externava o sentimento de tristeza da repentina partida: *“ontem tivemos reunião de pastores pela manhã e ela estava lá com aquele jeito de mãe dela, sempre com seu caderninho anotando os eventos”*. Continuou demonstrando a maneira como ela trabalhava e o tipo de pessoa acessível que a pastora era, em muitos momentos ele lembrou a forma maternal como ela era tratado por ela: *“ela estava sempre preocupada comigo e minha família, como uma mãe. Ela dizia pastor o senhor está muito cansado vai lá pra minha casa em Pedro Osório descansar!”*

O pastor abriu a palavra para dar oportunidade para que outros colegas de ministério falassem, alguns se pronunciaram e, em todas as falas, a ente querida era trazida de forma carinhosa e já saudosa. No entanto, era evidenciada uma relação para além da religião, uma das pastoras disse: *“agora vai chegar o inverno e ela sempre se preocupava comigo, sabia dos meus problemas de saúde e da maneira como devia me alimentar no inverno, levava pra reuniões de pastores um pote de sopa. Como uma mãe pra mim desde que perdi a minha se importava como eu estava”*. Quando os membros da igreja pastoreados pela pastora foram convidados a escolher um representante para falar, aconteceu um movimento diferente, todos estavam emocionados e só se ouvia o balbuciar de alguns, *“não consigo!”*, *“não, tenho condições!”*, *“eu não!”*. Até que um homem se prontificou: *“a gente está muito triste, acho que todos da igreja pensam como eu, ela era muito boa pra nós, como mãe. ela me ensinou a ser o homem que sou hoje, tudo que sou foi por causa dela, sou trabalhador, cuido da minha família...”*. Nenhum familiar consanguíneo se pronunciou, também não os foi perguntado se assim desejavam.

A palavra final volta para o pastor que conduzia o momento, quando ele afirma que a pastora está nos braços de Jesus, com forte emoção todos confirmam em alto e bom som “amém”!

Quando me aproximei de minha prima, logo após todas as pessoas terem passado pelo caixão e já se prepararem para seguir o cortejo fúnebre, eu a abracei, perguntei como ela estava, se precisava de alguma coisa? Em nossa conversa ela mostrou o lugar que a falecida ocupava em sua vida: *“quando o pai morreu, a mãe estava grávida de mim, ela saiu da casa do vô e da vô e foi pra dentro da casa da mãe, ficou ajudando a mãe no luto e depois ajudando a me cuidar e criar”*. Cheia de memórias ela continuou: *“a tia casou tarde, quando ela assumiu a igreja em Pedro Osório ela era solteira, a vô só autorizou se revezássemos pra ela não ficar sozinha, e assim passei minha adolescência, passando dias fazendo companhia a ela intercalando com outros primos, depois ela conheceu o Vilmar e casou.”*

Quero chamar atenção para a diversidade de formação de famílias que se formam nas sociedades e de como os estudos sobre família e parentesco precisam visualizá-las e considerá-las: *“a evidente flexibilidade dos arranjos domésticos aponta para uma necessidade de uma perspectiva analítica mais abrangente do que a família nuclear”* (FONSECA, 2010, p. 132). A sobrinha da pastora recorda e elucida a dinâmica familiar que vai para além da família nuclear, a saída da tia da casa dos pais para cuidar a irmã que viuvou, o trânsito entre uma cidade e outra para fazer companhia a tia na época de solteira, mostra-nos que o significado de família consanguínea *“inclui ascendentes e descendentes de uma mesma linha consanguínea”* (2010, p.132). A relação aqui percebida ultrapassa o limite das portas e paredes que marcam o limite das moradias, *“a família como sistema de comunicação tem na troca e na reciprocidade sua estrutura fundante (a aliança)”* (SARTI, 2005, p.43), neste caso considero alguns marcadores: família negra, pentecostal e periférica, assim entendo que

o objetivo das relações de parentesco, como de qualquer sistema social é instituir a comunicação, na qual o sujeito só se define em relação a um outro. Os elementos não são pensados por suas propriedades intrínsecas (não interessa a família individualizada), mas pelas relações nas quais estão situados (SARTI, 2005, p. 43)

Assim, a comunicação entre os indivíduos analisados pode ser entendida como um sistema de trocas, construído com afetividade e responsabilidade. A relacionalidade é um conceito que, nomeia o tipo de *“laço afetivo, difuso e duradouro, que normalmente constitui a relação de parentesco”* (FONSECA 2010, p. 132). Este conceito encaixa-se no tipo de relação percebida entre colegas de ministério e membros da igreja em que a pastora e o marido eram os responsáveis. Havia emoção e um sentimento de grande perda, que se mostrou nas homenagens e na intenção de deixar verbalmente registrado quem ela foi e significou. Enquanto participava, observei através destas pessoas os laços constituídos não somente por *“sangue, sêmen e leite, mas também a partir de outras formas de trocas, incluindo a comensalidade e a realização cotidiana de atividades juntas”* (2010, p.133). No texto, a autora fala que este termo tem sido usado para pensar as famílias e suas mais diversas formações por alguns estudiosos, e que são nomeadas *“famílias por escolha”* (2010, p. 133), assim como o exame do ritual fúnebre revelou.

4. CONCLUSÕES

Sobre os familiares consanguíneos conclui-se que as organizações familiares vão se redefinindo conforme os ciclos de vida, criando estratégias, fortalecendo

alianças, desfrutando da consanguinidade através da ajuda (LEVI STRAUSS). Sobre a “família por escolha” (FONSECA, 2010), entendeu-se que a religião foi o viés utilizado para este tipo de relação. Considerando que o líder tem uma história de vida bem parecida com aquelas de seus liderados e, por isso, mantém sucesso multiplicando fiéis em busca do mesmo resultado para seus problemas (DA MATTA, 1987). “As pessoas fazem-se superiores pelo seu desempenho e diante dos fatos críticos e duros da existência” (1987, p.134). Embora Roberto Da Matta se refira às famílias espirituais patriarcais, em alguns casos, de uma maneira semelhante a liderança é matriarcal. A pastora não gerou biologicamente, mas maternou sobrinhos/as, sobrinhos/as netos/as, membros de sua igreja e até colegas de ministério. Enquanto seu corpo estático estava, pessoas de seu convívio (familiares por sangue e parentesco por afinidade e fé), lembraram, afirmaram e reafirmaram a sua presença materna e o sentimento recente de orfandade.

A subjetividade encontrada entre família consanguínea e inserção de pessoas que não tem este compartilhamento consanguíneo, mas achegam-se pela fé, problemas econômicos, local de moradia e tantos outros motivos, tornam-se um objeto de estudo interessante, para que consigamos entender e acompanhar as várias transformações e adequações a situações temporais. Para além, a articulação entre religião e família é importante, pois estes dois conceitos estão entrelaçados na atuação cultural.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DA MATTA, R. A família como valor: considerações não-familiares sobre a família à brasileira. In: ALMEIDA, A. M. *et al.* (Orgs.) **Pensando a família no Brasil** Rio de Janeiro: Espaço e Tempo/UFRRJ, 1987. p.115-136.

FONSECA, C. Família e Parentesco na Antropologia Brasileira Contemporânea. IN: MARTINS, C. B. e DUARTE, L. F. D. **Horizontes Das Ciências Sociais no Brasil-Antropologia**. São Paulo: Anpocs, 2010.

FOOTE-WHYTE, W. Treinando a observação participante. In: GUIMARÃES, A. Z. (Org.). **Desvendando máscaras sociais**. Cap. 3. Rio de Janeiro: Francisco Alves, pp. 77- 86, 1980.

LEVI-STRAUSS. C. “A família” In: SHAPIRO Harry L. (coord.) **Homem, cultura e sociedade**. Cap. 13. Editora Fundo de Cultura. 1966.

OLIVEIRA, R. C. O Trabalho do Antropólogo: Olhar, Ouvir, Escrever. **Revista de Antropologia** v. 39 no 1. USP. São Paulo. 1996.

SARTI, C. A. "Deixarás pai e mãe": Notas sobre Lévi-Strauss e a família **Revista ANTHROPOLÓGICAS**, ano 9, volume 16(1): 31-52. 2005.